



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Morais Salum e, Maria de Lima; Otta, Emma; Scala Tieppo, Cristiana
Status Sociométrico e Avaliação de Características Comportamentais: Um Estudo de Competência
Social em Pré-Escolares
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 119-131
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814110>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Status Sociométrico e Avaliação de Características Comportamentais em Crianças de Pré-Escola: Um Estudo de Competência Social em Pré-Escolares

Maria de Lima Salum e Moraes
Emma Otta^{1 2}
Cristiana Tieppo Scala
Universidade de São Paulo

Resumo

Neste estudo, investigaram-se correlatos entre escolhas sociométricas positivas e negativas e atributos comportamentais por parte de companheiros de uma classe de pré-escola. Testou-se a adequação de um instrumento criado para a aplicação em crianças de cinco anos de idade, empregando-se figuras ilustrativas de facilitar a compreensão da tarefa e de motivar os participantes a se manterem interessados durante a tarefa. Os atributos comportamentais pesquisados foram, na esfera social: aceitação/isolamento social, participação/não-participação, dependência/independência da professora e dominância/ submissão; e na esfera afetiva, tristeza/alegria. O instrumento mostrou-se adequado para avaliação desses atributos em pré-escolares. Verificou-se que as crianças foram capazes de discriminar a maior parte das características dos colegas, associando escolhas positivas a atributos positivos. Foram constatadas diferenças de gênero: os meninos foram mais avaliados por características sociais e atributos afetivos.

Palavras-chave: Competência social; status sociométrico; preferência por companheiros; avaliação de características sociais e afetivas.

Sociometric Status and Peers' Behavioral Descriptions: A Study of Preschoolers' Social Competence

Abstract

This study examined the correlations between sociometric choices and preschool peers' behavioral characteristics. The appropriateness of an instrument created for the evaluation of behavioral attributes for five year old children was tested, using illustrative cards to motivate participants during the task. Behavioral social characteristics evaluated were acceptance/isolation, participation/lack of participation in schoolwork, dependence/independence from teacher, and dominance/ submission. Affective characteristics investigated were happiness/sadness and fear/courage. The instrument proved adequate for evaluation of these attributes in preschoolers. It was found that children were able to adequately discriminate most of the behavioral characteristics of their peers, associating positive choices to positive affective characteristics to preferred peers and antisocial and negative affective descriptions to non-preferred peers. Differences were found: boys were evaluated by social characteristics whereas girls were evaluated by affective characteristics.

Keywords: Social competence; sociometric status; preference by peers; evaluation of behavioral characteristics.

Competência social é um conceito usado para designar a capacidade de interação e de adaptação da criança ao grupo de companheiros (Attili, 1990). A investigação dessa capacidade de as crianças terem contribuído para a

perspectiva do outro, nos do – e a possibilidade de experiança no grupo, de estratégias assim como a expressão

social gera o *status* sociométrico do indivíduo no grupo. Num trabalho que trouxe contribuições fundamentais para a área, Coie, Dodge e Coppotelli (1982) propõem duas medidas – preferência social e impacto social – derivadas de respostas das crianças a duas questões simples: “de que colega(s) você gosta mais?” e “de que colega(s) você gosta menos?”. Com base nas repostas a essas perguntas, os autores classificaram as crianças como: *populares* – com alto índice de aceitação e baixo de rejeição; *rejeitadas* – com alto índice de rejeição e baixo de aceitação; *negligenciadas* – com índices baixos ou nulos de escolha positiva e negativa; *intermediárias* – com índices moderados de escolha positiva ou negativa; e *controversas* – com altos índices de escolha positiva e negativa. Coie e colaboradores enfatizam a importância de se usarem escolhas sociométricas positivas e negativas para se obter um quadro mais diferenciado das dimensões envolvidas no estudo do *status* social. Apenas através da combinação dessas medidas é possível se chegar aos grupos de *status* sociais controverso e negligenciado.

Assim como o trabalho de Coie e colaboradores (1982), outros estudos têm apontado para o risco que sofrem as crianças rejeitadas, controversas e negligenciadas de desenvolverem problemas de ajustamento social atual e futuro (Attili, 1990; Furnham, 1989; Hatzichristou & Hopf, 1996; Parke e colaboradores, 1997; Rubin, 1990). Embora a maior parte dos trabalhos tenha sido dirigida para o acompanhamento de crianças rejeitadas, supomos que as negligenciadas, por serem praticamente ignoradas pelos colegas, também tenham um prognóstico desfavorável em seu desenvolvimento socioemocional. A respeito do prognóstico das crianças controversas, a quem são atribuídas características tanto positivas – como capacidade de liderança –, quanto negativas – como agressividade –, cabem indagações: Serão elas consideradas como portadoras de risco de virem a apresentar comportamentos anti-sociais e de liderança conjuntamente, ou seja, de virem a tornar-se líderes de

para serem investigadas através de p especialmente no que diz respeito às cria e negligenciadas.

Um modelo para a explicação das falta de competência social foi propos (1989). Parece se instalar um círculo viciado quebrado sem ajuda externa (Figura 1). Falta de competência social resultam em falta de isolamento social, que podem despertar o Raiva é uma das emoções que podem gerando ações agressivas, hostis e Autopiedade é outra reação possível, o em depressão ou na busca de conf

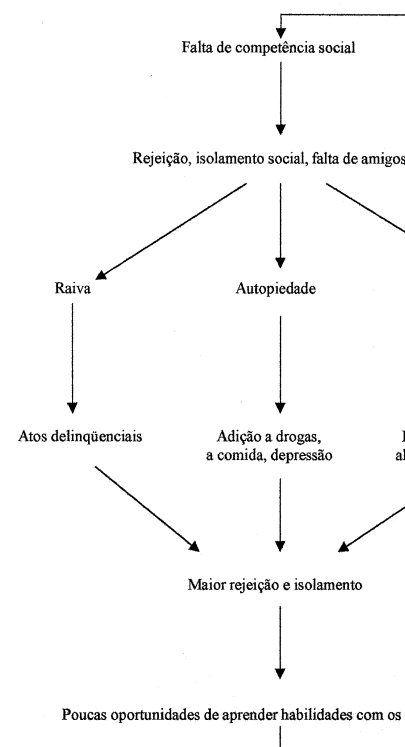


Figura 1. Um modelo das causas e cons

relações entre *status* sociométrico e atributos comportamentais, conforme avaliação dos colegas, estudando alunos de três graus escolares, com, em média, nove, 11 e 14 anos de idade, utilizando-se de entrevistas. Hatzichristou e Hopf (1996) replicaram o estudo de Coie e colaboradores entrevistando crianças e adolescentes de 11 e 14 anos. Foi um de nossos propósitos no presente estudo adaptar e testar um instrumento de avaliação de características comportamentais para pré-escolares, com o intuito de se detectarem, mais precocemente, características comportamentais associadas aos diversos *status* sociométricos. Vários pesquisadores desenvolveram instrumentos auxiliares de entrevistas (figuras, bonecos, histórias, vinhetas) para a avaliação de diferentes funções em pré-escolares, para que as crianças, que se encontram num estágio de pensamento concreto, pudessem melhor compreender a situação ou o problema proposto. Encontramos estudos com tais características nas áreas de apego (Bretherton & Ridgeway, 1990; Oppenheim, 1990), da teoria da mente (Leslie, 1991; Rosen, Schwebel & Singer, 1997) e de auto-estima (Daniels, 1998; Harter & Pike, 1984). Desconhecemos, porém, instrumentos semelhantes, específicos para avaliação da relação entre competência social e julgamento de atributos comportamentais por parte de companheiros na idade pré-escolar. Utilizamos de figuras ilustrativas dos comportamentos pesquisados com a finalidade de facilitar a compreensão da tarefa e de motivar as crianças a participarem e a se manterem interessadas durante a prova.

Pesquisamos contrastes entre cinco atributos comportamentais relativos à esfera socioafetiva – ser dependente/independente da professora; ter muitos/poucos amigos; dar/receber ordens; participar muito/participar pouco das atividades; provocar/não provocar brigas – e duas características afetivo-emocionais – mostrar-se alegre/triste; e mostrar-se corajoso/medroso. A opção pelas características sociais empregadas neste estudo partiu do propósito de avaliar a associação entre

(1982), que encontraram correlações entre a competência de participação e rejeição social e o desempenho escolar. O item dependência social foi avaliado através da “pedir ajuda”, tópico incluído no estudo de Coie (1982), que constataram sua correlação com o desempenho em crianças mais velhas, pré-adolescentes.

Há relatos, embora indiretos, de que a competência social das crianças esteja relacionada com a capacidade de identificar e de expressar sentimentos de afetividade positiva esteja associada ao desempenho (Coie e colaboradores, 1999). Os autores avaliaram atributos comportamentais associados aos *status* sociométricos preocuparam-se com o comportamento social, dando ênfase ao aspecto afetivo e emocional. Introdução de uma investigação de características (como medo/coragem), com o objetivo de avaliar a medida sua aplicação na prática, a fim de estabelecer uma relação com competências sociais das crianças.

Diferenças de gênero foram encontradas em relação à popularidade/rejeição social (Coie, 1996), no relato de comportamentos associados a fatores de redução de danos emocionais e desconfortáveis (Rotenberg e Coie, 1992), expressão de medo (Lewis e Coie, 1990), interpretação de indícios que refletem a opinião de outras pessoas (Lagattuta, 1990). Estudos com Meninas têm revelado consistência entre esses atributos. Tendo em vista a importância de supor que haja diferença entre as competências sociais diz respeito a preferência/rejeição social e a avaliação de atributos comportamentais associados a essas variáveis.

O número de escolhas mútuas entre os indivíduos (Fukada, Fukada e Hicks (1999)) é um indicador sociométrico, reflete, em certa medida, a qualidade das interações e a consciência

medidas. Foram objetivos específicos complementares: (1) verificar as relações entre *status* sociométrico e características comportamentais segundo julgamento dos colegas; (2) analisar diferenças de gênero quanto a *status* social; (3) estabelecer as relações entre *status* social e gênero de um lado e atribuição de características comportamentais pelos colegas de outro; (4) verificar diferenças de *status* social e gênero quanto ao número de escolhas recíprocas.

Método

Participants

Participaram do estudo 31 crianças – 18 meninos e 13 meninas – de uma classe de Pré-escola Municipal situada em bairro de classe média e média-baixa da Zona Sul da cidade de São Paulo – com cinco anos e sete meses de idade em média, variando de cinco anos e quatro meses até seis anos e três meses. As crianças participaram como sujeitos que podiam escolher e ser escolhidos.

Procedimento

1ª etapa – Familiarização das crianças com a pesquisadora

Nesta etapa, a pesquisadora – após ser apresentada pela diretora como uma pessoa que estaria com as crianças por algum tempo, observando-as e fazendo algumas perguntas – passou duas horas em sala de aula, observando as atividades das crianças, que se sentavam distribuídas em grupos de três ou quatro em cada uma das nove mesas circulares da sala de aula. Passou de mesa em mesa perguntando o nome e idade de cada criança e aspectos de sua vida – onde moravam, como vinham para a escola, se tinham irmãos, etc. – e respondendo às perguntas que lhe eram feitas.

2ª etapa - Entrevistas

Após a primeira etapa, a pesquisadora passou a chamar cada criança para a entrevista individual. As

você mais gosta?” Em seguida, perguntava-se: “de quem você mais gosta?”. De acordo com a citação, a última pergunta era repetida até que obtivessem os três colegas de quem o(a) participante gostava. Perguntava-se, então: “agora, de quem você menos gosta?”. O procedimento até se obterem as três respostas. As crianças, em geral, tiveram maior dificuldade em citar os colegas de quem menos gostavam. Algumas citaram apenas um ou dois nomes de colegas, outras que mais ou de quem menos gostavam. Em alguns casos, não haver mais nenhuma criança naquela turma. Em outros casos, foram computados apenas os colegas citados.

Determinação do status sociométrico – A cada criança individualmente quais os três mais e de quem menos gostava, computando escolhas positivas e negativas que recebeu, obtendo-se duas medidas derivadas: *preferência social*: gosta mais + menos; e *impacto social*: gosta mais + (menos menos). Em seguida, os escores de preferência e impacto foram padronizados e as crianças foram divididas em cinco grupos de *status* distintos, de acordo com os seguintes critérios: *popular* – escore de preferência social maior que 1,0; escore de impacto social maior que 0; escore padronizado de preferência social maior que 0; escore padronizado de impacto social menor que 0; *rejeitado* – escore de preferência social menor que -1,0; escore de impacto social maior que 0; escore padronizado de preferência social menor que -1,0; escore padronizado de impacto social maior que 0; *negligenciado* – escore padronizado de preferência social menor que 0; escore padronizado de impacto social menor que 0; *isolado* – escore padronizado de preferência social menor que -1,0; escore padronizado de impacto social menor que 0; *controverso* – escore padronizado de preferência social maior que 1,0; escores padronizados de gostar mais e de gostar menos maiores que 0; *intermediário* ou *normal* – escore padronizado de preferência social entre -1,0 e 1,0; escores padronizados de gostar mais e de gostar menos entre -1,0 e 1,0.

Avaliação de atributos comportamentais

de um atributo, cobria-se a outra metade da folha, que ilustrava seu inverso. Foram as seguintes as instruções para cada prancha (a primeira pergunta relativa a cada par descrito era ilustrada por figura situada ao lado esquerdo da prancha e a segunda era representada do lado direito): *Prancha 1* – “Estas crianças têm muitos amigos”. / “Estas crianças têm poucos amigos”. *Prancha 2* – “Estas crianças sorriem muito, estão quase sempre alegres”. / “Estas crianças sorriem pouco, às vezes choram, estão quase sempre tristes”. *Prancha 3* – “Estas crianças são muito agarradas à professora, ficam muitas vezes junto dela”. / “Estas crianças são pouco agarradas à professora”. *Prancha 4* – “Estas crianças são mandonas. Vivem dando ordens”. / “Estas crianças são mandadas; quase sempre estão fazendo o que os outros mandam”. *Prancha 5* – “Estas crianças quase nunca fazem as atividades”. / “Estas crianças quase sempre fazem as atividades”. *Prancha 6* – “Estas crianças brigam muito. São briguentas”. / “Estas crianças quase nunca brigam”. *Prancha 7* – “Estas crianças são corajosas; não têm medo de quase nada”. / “Estas crianças são medrosas; têm medo de muitas coisas”. A ordem de apresentação das pranchas foi aleatória, com exceção da primeira (“tem muitos/ poucos amigos”), que foi propositadamente apresentada nessa posição por acreditarmos que ilustrava uma característica mais concreta e de mais fácil compreensão pelos participantes.

Após cada instrução, perguntava-se à criança: “Qual o seu ou a sua colega que mais se parece com estas

crianças?” Quando essa pergunta era entendida, a entrevistadora repetia a pergunta, por exemplo: “Qual colega tem muitos amigos?” Os participantes pareciam ser compreensivos com as perguntas: “Quem é como eu?” e “Quem é assim?” Alguns sujeitos tiveram dificuldade em escolher as crianças em certos atributos e imediatamente expuseram um ou dois nomes, quatro e até cinco nomes. Normalmente, apenas o primeiro nome da lista era escolhido.

Resultados

Atributos Comportamentais e suas Correlações Preditivas de Preferência

A Tabela 1 mostra as correlações entre os atributos de características comportamentais e as escolhas positivas (de quem gostamos) e negativas (de quem gostamos menos). Foi utilizado o teste de correlação de Pearson. Como se observa, as correlações dos escores de escolhas positivas com os atributos “mostrar-se alegre”, “participar das atividades”, “ter muitos amigos”, “ser independente”, “ser corajoso” ou seja, todos os atributos positivos, foram significativas. “mostrar-se corajoso”, categoria de escolhas negativas, correlacionou-se positivamente apenas para as meninas. As correlações dos escores de escolhas negativas com os atributos “mostrar-se triste”, “dar ordens”, “mostrar-se medroso”, “pouco das atividades” e “ter poucos amigos”, com exceção da característica “ser independente”, foram significativas. A correlação positiva entre os escores de escolhas negativas e os atributos comportamentais positivos foi significativa.

Pela coerência do padrão de correlações entre os atributos comportamentais positivos e as escolhas de rejeição social, poderíamos considerar este instrumento mostrou-se adequado para avaliar as crianças que se propunha. As crianças



Tabela 1. Correlações entre Atributos Comportamentais e Escores Brutos de Escolhas Positivas e Negativas

Atributos Comportamentais	Escolhas Positivas	Escolhas Negativas
Esfera social		
Tem muitos amigos	0,485**	0,000
Tem poucos amigos	-0,057	0,000
Provoca brigas	-0,109	0,000
Briga pouco	0,308*	-0,000
Independente da professora	0,345*	-0,000
Dependente da professora	-0,193	-0,000
Participa das atividades	0,511**	-0,000
Participa pouco das atividades	-0,072	-0,000
Dá ordens	-0,133	-0,000
Cumpre ordens	0,194	-0,000
Esfera afetiva		
Alegre	0,513**	-0,000
Triste	-0,148	-0,000
Corajoso	0,246	-0,000
Medroso	0,034	0,000

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

inclui apenas o atributo “ter muitos amigos”, que explica 24% da variância dos dados, enquanto para as meninas o modelo, que explica 71% da variância dos dados, inclui “mostrar-se alegre” (47% da variância) e “corajoso” (24% da variância). Quanto às escolhas negativas, para os meninos, o modelo inclui apenas a característica “provocar brigas”, que explica 41% da variância. Para as meninas, explicam as escolhas negativas os atributos “provocar brigas” (47% da variância) e “mostrar-se triste” (17% da variância), que, juntos, são responsáveis por 64% da variância dos dados.

Análise em Função de *Status* Sociométrico

Foi feita uma análise dos dados com base nas categorias de *status* sociométrico de Coie e colaboradores (1982).

Duas das 31 crianças não se enquadraram no grupo de *status*, segundo o critério dos dados. Das 29 crianças que puderam ser classificadas, sete (24,1%) foram consideradas populares, sete (24,1%) marginalizadas, sete (24,1%) negligenciadas, três (10,3%) com *status* desconhecido e duas (6,9%) com *status* mediano (27,6%) médias.

Efeitos de Gênero em Relação a *Status* Sociométrico

Computou-se o *status* sociométrico para cada gênero. Testes de qui-quadrado foram realizados para verificar se houve escolha diferencial de meninos e meninas para cada grupo de *status* social. Com base nos dados, as meninas (85,7%) tenderam a ser mais populares do que os meninos (14,3%) populares.

Tabela 2. Análises de Regressão Prevendo Escolhas Positivas e Negativas em Função dos Atributos Comportamentais para cada Gênero

$p < 0,10$, e que foram menos escolhidas como negligenciadas (0,0%) do que eles (100%), $\chi^2 (1) = 4,0$; $p < 0,05$.

Encontrou-se um efeito multivariado significativo de gênero para o conjunto dos 14 atributos comportamentais, Roy = 8,062, $F(14,7) = 4,031$; $p < 0,05$. Especificamente, as meninas foram mais citadas do que os meninos nos itens “dar ordens” ($M = 1,88 \pm 0,31$ vs. $M = 0,62 \pm 0,26$) e “mostrar-se triste” ($M = 1,13 \pm 0,20$ vs. $M = 0,31 \pm 0,17$).

Efeitos do Status Sociométrico

Encontrou-se um efeito principal multivariado significativo para status sociométrico, Roy = 8,240, $F(14,10) = 5,886$; $p < 0,01$. Efeitos principais correspondentes foram identificados em análises univariadas para três características comportamentais na esfera social – “provocar brigas”, $F(4,20) = 5,407$; $p < 0,01$, “dar ordens”, $F(4,20) = 6,737$; $p < 0,001$, e “ter pouco amigos”, $F(4,20) = 2,856$; $p < 0,05$, - e para duas características na esfera afetiva – “mostrar-se medroso”, $F(4,20) = 3,387$; $p < 0,05$, e “mostrar-se triste”, $F(4,20) = 7,296$; $p < 0,01$. A Tabela 3 apresenta as médias e os erros padrão para essas características.

Comparações dois a dois através do critério de Bonferroni revelaram que, em relação a “provocar brigas”, a “dar ordens” e a “mostrar-se medroso”, as crianças necessá

Efeitos de Interação entre Gênero e Status Sociométrico

Encontrou-se um efeito multivariado significativo de interação entre gênero e status sociométrico, Roy = 4,624, $F(14,9) = 4,624$; $p < 0,01$. Apenas o efeito referente a “mostrar-se triste” foi significativa, alterando o padrão de distribuição descrito anteriormente. Para as outras características encontraram diferenças nessa combinação de status sociométrico, enquanto as meninas foram citadas como “tristes” que as

Distribuição das Atribuições de Características Comportamentais dos Participantes conforme o Status Sociométrico e o Gênero dos Juízes

Um teste t para avaliar a diferença entre o número de escolhas recíprocas entre os grupos (meninas $M = 1,31 \pm 0,31$) e os meninos ($M = 0,44 \pm 0,05$). Em decorrência desse

Tabela 3. Média e Erro Padrão de Avaliações de Características Comportamentais em Função do Status Sociométrico e do Gênero dos Juízes

Status sociométrico	Características comportamentais						
	Poucos amigos		Provocar brigas		Dar ordens		Triste
	M	EP	M	EP	M	EP	M
Popular	0,57	0,35	0,14	0,32	0,29	0,38	0,14
Rejeitado	1,00	0,35	1,00	0,32	0,57	0,38	1,29
Negligenciado	0,75	0,47	0,25	0,43	0,50	0,50	0,25
Controverso	2,67	0,54	3,00	0,49	3,00	0,58	0,67
Médio	0,38	0,33	0,50	0,30	0,50	0,35	0,25

Comparações dois a dois através do critério de Bonferroni revelaram que, em relação a “provocar brigas”, a “dar ordens” e a “mostrar-se medroso”, as crianças necessá

necessário ter a cautela de separar as atribuições de quem atribuiu as escolhas, pois é possível que

constatamos que os meninos atribuíram escolhas positivas (gostar mais) predominantemente a meninos ($t(29) = 2,955; p < 0,01$) e que as meninas fizeram mais escolhas positivas de meninas ($t(29) = 3,247; p < 0,01$).

comportamentais enfocadas no p
“Provocar brigas” tem sido, ao lado de
principais comportamentos empregados
agressividade, assim como “ter muitos

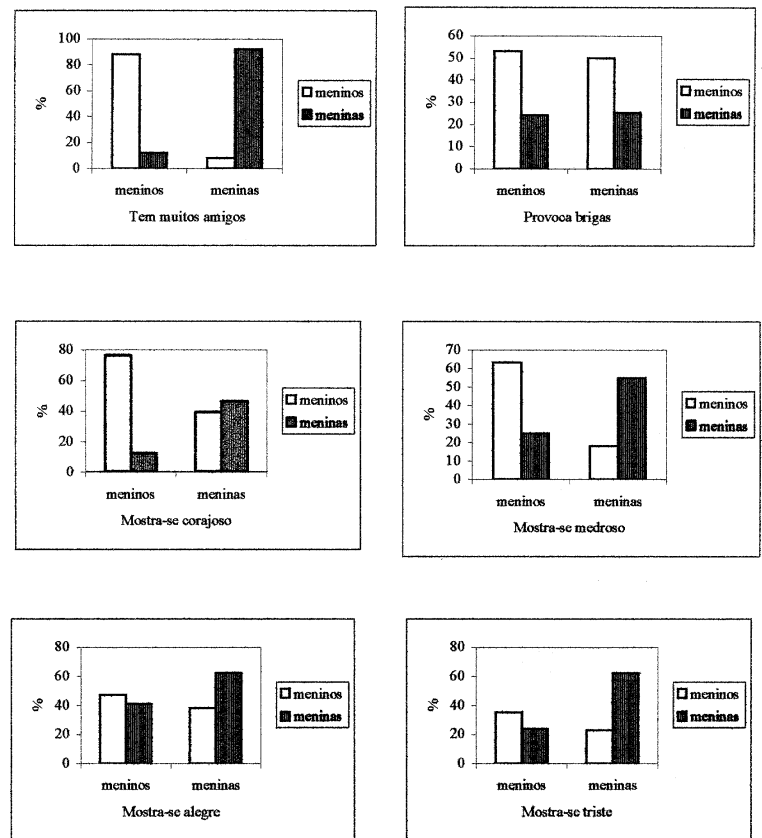


Figura 3. Porcentagens de escolhas de meninos e meninas em relação ao gênero de quem foi julgada de diferentes atributos comportamentais. Nas abscissas, estão os juízes e nas colunas, as porcentagens.

Com referência às descrições comportamentais, apresentamos na Figura 3 os atributos que mais se destacaram nas análises precedentes. Constatamos que meninas e meninos atribuem predominantemente a crianças do mesmo gênero a característica “ter muitos

não ter amigos” são indicadores de isolamento social, respectivamente (Hatz 1996; Underwood, 1997). Ao escolher “dar ordens” e “cumprir ordens”, tive de comparar as características de

comportamentais dos companheiros, nos domínios social e afetivo. Podemos estabelecer paralelos com alguns estudos de desenvolvimento, que relatam que crianças de cinco a seis anos são mais capazes do que as de três e quatro anos de perceber processos mentais e eventos que precedem as emoções (Lagattuta e colaboradores, 1997; Laible & Thompson, 1998). Analisando-se os correlatos de escolhas positivas e negativas, constatamos que as crianças associaram a maioria das características comportamentais positivas (aceitação social, participação nas atividades, alegria, independência e não-agressividade) aos companheiros escolhidos como mais queridos, enquanto os menos queridos receberam maior número de atribuições negativas (pouca participação, isolamento, mostrar-se agressivo, dominador e medroso). A associação de características socialmente apreciadas aos escores de preferência social é esperada, uma vez que as crianças já assimilaram muitas das representações coletivas do que é valorizado culturalmente (Morais, 1980; Moraes & Carvalho, 1994; Nicolopoulou & Weintraub, 1998).

No que diz respeito aos correlatos de escolhas negativas e positivas na esfera social, a maior parte de nossos dados são coerentes com os relatados na literatura. Diversos estudos demonstram que agressividade e isolamento social são fatores relacionados à rejeição por parte de companheiros (Bussab & Maluf, 1998; Hatzichristou & Hopf, 1996; Underwood, 1997). No trabalho de Coie e colaboradores (1982), a dependência (“pedir ajuda”) associou-se à rejeição social e, no estudo de Vosk e colaboradores (1982), a falta de participação nas atividades caracterizou crianças impopulares. Verschueren e Marcoen (1999) usaram o ajustamento escolar (critério semelhante ao de participação nas atividades) como um dos indicadores de competência socioemocional. Esperávamos que a submissão fosse uma característica associada às escolhas negativas. Observamos, entretanto, que as instruções da prancha que procurava avaliar submissão foram entendidas por alguns

escolhas negativas. Embora demonstrem que isoladamente correlacionam-se negativamente, relaciona-se positivamente (Hatzichristou & Hopf, 1996; P. Stormshak, Bierman, Bruschi, variáveis afetivas, especialmente “coragem”, foram menos expressivas de competência social. Hartup (1997) é uma das qualidades positivas consideradas importantes no observar que as crianças pequenas da amostra do presente estudo associaram a submissão a uma característica e a associam a seu comportamento. Dunn (1990) verificaram que as crianças com mais emoções negativas experimentadas por parte de companheiros. Evidências de estar perto de pessoas alegres e não agressivas (Hubbard & Coie, 1998).

De maneira geral, a manifestação de emoções e expressões emocionais por parte das crianças e Eisenberg (1997) encontraram correlatos relativos à maior busca de informação em situações geradoras de imprevisto, demonstrando mais frequência nessas situações por parte das crianças. Os resultados descrevem ainda diferenças entre as crianças, conjecturando que os meninos tendem a inibir a expressão de emoções de medo e tristeza e colaboradores (1997) concluíram que os meninos superaram os meninos na identificação de emoções cognitivas preditivas de emoções (1982), num estudo observando situações evocadoras de emoções. As meninas mostravam expressões de medo e tristeza. Embora não tenham ligação direta com os resultados desses estudos, os resultados desses estudos

maiores conclusões a esse respeito, são necessários estudos comparativos que façam a avaliação cuidadosa da relatividade de valores culturais em segmentos populacionais.

Status Sociométrico, Gênero e Atribuição de Características Comportamentais

Através da análise de variância, constatamos que as meninas foram classificadas como mais populares e menos negligenciadas do que os meninos. Coie e colaboradores (1982) encontraram fenômeno semelhante na amostra que estudaram. Em seu estudo, os meninos foram mais selecionados como rejeitados do que as meninas, o que confirma os achados de outras pesquisas que indicam que os meninos encontram mais dificuldade nas relações com os companheiros do que as meninas (Hatzichristou & Hopf, 1996; Parke e colaboradores, 1997). Os dados relativos à escolha mútua – que revelaram que as meninas superaram os meninos neste aspecto – são compatíveis com a maior facilidade de integração social no gênero feminino: indubitavelmente, há maior facilidade na interação quando existe reciprocidade e correspondência de afetos. Ainda no que diz respeito às escolhas mútuas e coerentemente com a hipótese de que as crianças populares são mais conscientes de sua própria competência social (MacDonald & Cohen, 1995), as crianças do grupo popular apresentaram maior reciprocidade nas escolhas mútuas positivas que os demais grupos.

No que se refere à avaliação de características comportamentais, a análise de variância revelou que o grupo que mais se destacou dos demais foi o de crianças controversas, que foram avaliadas como mais agressivas, mais dominadoras e mais medrosas do que as demais, inclusive do que as rejeitadas, e mais isoladas do que as populares e médias. A maior parte dos estudos relata que as crianças rejeitadas partilham essas características com as controversas, que, entretanto, também

que a característica afetiva “tristeza”, a principal de gênero, revelou impacto no julgamento das meninas rejeitadas.

Observamos maior número de escolhas recíprocas entre as meninas, fato relacionado com as características preferenciais femininas de se dedicarem a atividades de maior intimidade e em que a percepção prepondera sobre a ação, enquanto a atuação é mais marcada pelo movimento e pelo toque. Os fenômenos se revelam nas atividades sociais em brincadeiras imaginativas e em narrativas (1980; Moraes & Carvalho, 1994; Noller & Weintraub, 1998). Entretanto, o maior número de escolhas mútuas entre as meninas alerta-nos para a possibilidade de que tenha havido, em relação às atribuições comportamentais, ao lado do efeito do gênero, o efeito de quem foi escolhido, aquele de quem fez a escolha. Para interpretarmos adequadamente os resultados, é necessário considerar os participantes sob dois aspectos: 1) do ponto de vista de quem fez a escolha e 2) do ponto de vista de quem foi escolhido, considerando-se ambos os grupos-alvos de julgamento. Mantendo-se em mente a dupla condição dos sujeitos, podemos perguntar: o número de escolhas recíprocas entre as meninas indica que elas fossem as principais responsáveis pelas escolhas comportamentais do grupo de meninas? Ou, quando julgarem as colegas, elas valorizam mais as características afetivas? Ou nos meninos foram notados os atributos comportamentais de maior visibilidade, ao passo que nas meninas foram valorizadas as características de afetividade? Foi possível responder a essas questões? Para isso, procuramos analisar separadamente os dados dos participantes na qualidade de juizes e como alvo, procurarmos algumas respostas a essas questões.

preponderantemente atribuída a um dos gêneros foi a agressividade, considerada por meninos e meninas como um atributo masculino. Stormshak e colaboradores (1999), estudando crianças em idade escolar, verificaram que as diferenças de gênero em relação à aceitação por parte de companheiros agressivos variam em função do nível de agressividade tolerada pelo grupo, constatando ser essa uma característica menos definidora de rejeição social para as meninas. Nossos dados contrariam esses achados, mas confirmam em parte os resultados de Coie e colaboradores (1982) que verificaram que, em crianças de nove a 11 anos, os meninos foram mais freqüentemente citados no item “provoca brigas” do que as meninas.

No que diz respeito à aceitação social, foi altamente consistente a atribuição dessa característica a crianças de mesmo gênero. Como há uma aproximação maior entre crianças de mesmo gênero, elas, provavelmente, tendem a prestar mais atenção umas às outras e a ter melhor percepção umas das outras. Essa tendência se replica em maior ou menor grau para as características afetivas: alegria/tristeza e coragem/medo. Dessa forma, não podemos descartar a suposição de que as características afetivas atribuídas preponderantemente às meninas – especialmente a tristeza, e, em menor grau, o medo e a alegria – devam ser consideradas mantendo-se em perspectiva o duplo papel das crianças nas escolhas: como juízes e como alvos de julgamento. Quanto ao predicado “coragem”, os meninos atribuíram-no consistentemente a outros meninos, confirmando nossa suposição de que essa é uma característica preponderantemente masculina, pelo menos do ponto de vista dos meninos, já que as meninas conferiram-na aos dois gêneros. Há certamente carência de estudos que estabeleçam relações entre características afetivas e *status* sociométrico, e, mais ainda, de pesquisas que investiguem a relação entre gênero e características das crianças no papel de juízes. Serão necessários estudos posteriores, especialmente planejados

correlatos comportamentais social em crianças em idade p dimensão afetiva na caracteri associados a escolhas sociomé Tomando-se como verdadeir (1989), apresentado na Figura da falta de competência socia de transtornos de conduta, e de se investigarem os aspectos com inabilidade social.

Quanto a futuros estudos interessantes algumas alterações comportamentais pesquisas mostrou a conveniência de incl com os companheiros” e de se da prancha que pretendia d submisso. Como a dimensã importante para a avaliação popularidade/rejeição para as incluir no procedimento características afetivas como exemplo, ou elaborar um ins exclusivo de avaliar o impacto as escolhas sociométricas. Na importante também a in observações diretas do compo relações entre a manifestação preferência/rejeição social. U melhor diferenciar os particip de alvo de julgamento tam analisarem mais adequadame sobre a avaliação das crianças

Evidentemente, são mu longitudinais que acompanhe de seu desenvolvimento, p transformações que ocorre mudança de grupo de referên que busquem intervir no gru

sociais, da expressão e controle de sentimentos, como raiva, alegria/tristeza, ou medo/coragem em diferentes segmentos populacionais. Indubitavelmente, maiores conhecimentos na área contribuirão para o diagnóstico precoce e para a eficácia de procedimentos de intervenção que diminuam os riscos que a falta de competência social acarreta. Fogel (2000), comentando a visão de desenvolvimento como construção mediada culturalmente, considera o Brasil – por suas características peculiares de freqüentes mudanças nos sistemas político e econômico e, acrescentamos, por sua diversidade de subculturas – um campo especialmente profícuo para a investigação “da flexibilidade, da criatividade, da emergência e da manutenção de *quasi*-estabilidade em meio ao caos” (p. 318).

Referências

- Attili, G. (1990). Successful and disconfirmed children in the peer group: Indices of social competence within an evolutionary perspective. *Human Development*, 33, 238-249.
- Bretherton, I. & Ridgeway, D. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-years-old. Em: M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Orgs.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp. 87-119). Chicago: The University of Chicago Press.
- Bussab, V. S. R. & Maluf, M. P. C. (1998). A creche como contexto sócio-afetivo de desenvolvimento: Os padrões interacionais e o ajustamento das crianças. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8, 33-39.
- Coie, J. D., Dodge, K.A. & Coppotelli, H. (1982). Dimensions and types of social status: A cross-age perspective. *Developmental Psychology*, 18, 557-570.
- Daniels, D.H. (1998). Age differences in concepts of self-esteem. *Merrill-Palmer Quarterly*, 44, 234-258.
- Fabes, R. A., Eisenberg, N., Jones, S., Smith, M., Guthrie, I., Poulin, R., Shepard, S. & Friedman, J. (1999). Regulation, emotionality, and preschoolers' socially competent peer interaction. *Child Development*, 70, 432-442.
- Fogel, A. (2000). O contexto sociocultural e histórico dos estudos do desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 311-318.
- Fukada, H., Fukada, S. & Hicks, J. (1997). The relationship between leadership and sociometric status among preschool children. *The Journal of Genetic Psychology*, 158, 481-486.
- Hubbard, J. A. & Coie J. D. (1994). Emotional competence in children's peer relationships. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40, 20.
- La Frenière, P., Strayer, F.F. & Gauthier, R. (1984). Same-sex affiliative preferences among preschoolers: A developmental/ethological perspective. *Child Development*, 55, 1965.
- Lagattuta, K.H., Wellman, H.M. & Flavell, J.H. (1997). Understanding of the link between thinking and feeling and emotional change. *Child Development*, 68, 1045-1055.
- Laible, D. J. & Thompson, R. A. (1998). Attachment and social standing in preschool children. *Developmental Psychology*, 34, 1045.
- Leslie, A. M. (1991). The theory of mind impairment in autism: Is there a modular mechanism of development? Em: D. M. B. F. (Org.), *Natural theories of mind: evolution, development and mindreading* (pp. 63-78). Oxford: Basil Blackwell.
- Lewis, M. & Michalson, L. (1982). The measurement of emotion. Em C. E. Izard (Org.), *Measuring emotions in infancy* (pp. 1-10). Cambridge: Cambridge University Press.
- MacDonald, C.D. & Cohen, R. (1995). Children who like them and which peers dislike them. *Social Development*, 4, 1-10.
- Morais, M. L. S. (1980). *O faz-de-conta e a realidade: A construção de Mestrado não publicada*, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo.
- Morais, M. L. S. & Carvalho, A.M.A.C. (1994). Faz-de-conta e regras na brincadeira de crianças de quatro anos. *Revista Brasileira de Psicologia*, 38, 100-101, 21-30.
- Nicolopoulou, A. & Weintraub, J.W. (1998). Individual differences in social representations in social context: A modest contribution to the interrupted project of a sociocultural developmental psychology. *Human Development*, 41, 215-235.
- Oppenheim, D. (1990). *Assessing the validity of a doll play procedure for attachment in preschoolers*. Tese de Doutorado não publicada, Department of Psychology, The University of Utah, Salt Lake City, Utah, Estados Unidos da América.
- Otta E. & Sarra, S. (1990). Um estudo sobre o sorriso em crianças de quatro a cinco anos. *Psicologia – USP*, 1, 13-20.
- Parke, R. D., O'Neil, R., Spitzer, S., Isley, S., Wells, G., & Strand, C. & Cupp, R. (1997). A longitudinal assessment of stability and the behavioral correlates of children's social competence. *Merrill-Palmer Quarterly*, 43, 635-662.
- Rosen, C.S., Schwebel, D.C. & Singer, J.L. (1997). Pretense and the development of mental states in pretense. *Child Development*, 68, 1045-1055.
- Rotenberg, K. J. & Eisenberg, N. (1997). Developmental changes in understanding of and reaction to others' internal states. *Developmental Psychology*, 33, 526-537.
- Rubin, K. H. (1990). Peer relationships and social status in childhood: An international perspective: Introduction. *Human Development*, 22, 224.

Vosk, B., Forehand, R., Parker, J. B. & Rickard, K. (1982). A multimethod comparison of popular and unpopular children. *Developmental Psychology*, 18, 571-575.

Sobre as autoras:

Maria de Lima Salum e Morais – Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação nas áreas de Educação e Saúde Pública, Mestre e Doutoranda em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Emma Otta – Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação na área de Etologia. Professora associada, livre-docente, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental e Chefe do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto Psicologia da Universidade de São Paulo.

Cristiana Tieppo Scala – Psicóloga formada pela PUCSP, com atuação na área de Psicologia do Esporte. Mestre e Doutoranda em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.